

AOS 7 E AOS 40: AS LACUNAS EXISTENCIAIS DO TEMPO

Diego Muniz

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio)

RESUMO: Este ensaio crítico busca refletir sobre alguns aspectos da obra de João Anzanello Carrascoza, intitulada "Aos 7 e aos 40". Propõe-se a analisar a não linearidade da vida e as lacunas (re)montadas pelo tempo. Baseia-se no contexto para compreender temas suscitados, estilo (procedimento do autor), que aborda de maneira delicada questões como a morte, o tempo, o não-dito, o não-escrito e a memória. A obra proporciona uma reflexão profunda sobre a passagem do tempo e a construção da identidade, revelando a habilidade do autor em explorar sentimentos universais com sensibilidade e sutileza.

Palavras-chave: Carrascoza; memória; tempo.

João Anzanello Carrascoza, celebrado contista contemporâneo brasileiro, em seu primeiro romance, "Aos 7 e aos 40", demonstra um potencial gigantesco na condução de sua narrativa e o bom proveito de seus personagens. A obra e a sugestão do título mostram ao leitor um homem deslocado entre a infância irrecuperável e o desprazer da vida adulta. Durante os capítulos, o texto é articulado em constante alternância entre os diferentes momentos de vida do personagem, sempre em termos contrapostos: "devagar" e "depressa", "nunca mais" e "para sempre", "dia" e "noite", entre outros. Os títulos atuam ao demarcar a temporalidade em que a narrativa acontece, seja no passado, através de lembranças, ou em tempo atual.

Estruturalmente, o texto exibe uma aparência visualmente peculiar no ato de narrar o tempo passado e presente, ambos de maneira distinta, pois ao se deter na infância, o narrador é em primeira pessoa e o texto é apresentado de maneira compacta, ou seja, em bloco, incorporando a organização de pensamentos, um controle aparente sobre a sensação de estar vivo (reflexo do personagem em sua fase infantil). Enquanto na fase adulta, o narrador em terceira pessoa conduz a narrativa em linhas "versificadas", desajustadas, de modo a transmitir desespero e cansaço no momento da leitura, a desorganização que a vida do personagem possui.

O narrador-personagem (não nomeado), nos seus 40 anos, é casado há dez anos e a união não vai bem. São muitas as brigas e frustrações expressas na fala (sobretudo no que não é dito), pois frequentemente há discussões, a exemplo de uma viagem que fariam para as Cataratas do Iguaçu, que choveu, alagou a rodoviária e quase os fez perder o ônibus. Nesta cena, é importante destacar que

era uma viagem para mascarar as desavenças que havia entre o casal, uma reconciliação entre tantas outras, até enrijecê-los e discutirem na frente do filho:

Essa viagem foi um erro, não porque a haviam programado para janeiro, quando chovia às tantas, os dois bem sabiam, mas porque não havia mais motivo para fazê-la: o sonho seca. A vida a dois, a três, em queda livre. (CARRASCOZA, 2014, p. 30).

A paternidade é retratada no livro como algo que não há profundidade, refletida em seus diálogos através de perguntas rotineiras que demonstram a superficialidade da relação, pois apenas ao sair de casa que o protagonista, devido ao seu casamento malsucedido, em sua vida caótica, decide se reaproximar do filho para conhecê-lo. Se é desconfortável a sensação de não conhecer a fundo sua cria é, ainda por cima, pior a de reaproximação, por causa do estranhamento que reverberará em *comportamentos questionáveis* ao decorrer da narrativa.

Para se encontrar no caos, busca refúgio na infância pela vida ser mais leve, e a todo momento rememora as ações que fazia quando menor, vividas em ambiente rural, em cidade pequena, junto das pessoas que amou, como um ponto de fuga da cruel realidade que lhe cerca, no seguinte recorte:

E, enquanto crescíamos, quase sem perceber, eu e meu irmão jogávamos futebol no quintal de casa. As folhas de zinco, que serviam como porta da garagem, eram um dos gols; a parede da edícula, entre duas portas, o outro. Cada um de nós era seu próprio time, tinha de driblar o adversário, cruzar pra si mesmo, fazer o gol, defender-se. (CARRASCOZA, 2014, p. 11).

É importante salientar que não é puramente um efeito nostálgico, pois as histórias são contadas em diferentes estágios de vida, ou seja, *não* é algo relacionável ao pensamento *direto* do personagem, entretanto, minuciosamente ao serem contadas, as histórias se entrecruzam em seus recortes (seu “eu” de antes e atual) ao mostrar que aos 7 anos de idade crê em um viver esperançoso, devido aos amigos que fez, aventuras que passaram juntos, a brincadeira e o futebol, enquanto a vida adulta é atrelada ao trabalho e distanciamento familiar.

O futebol é imprescindível para o decorrer da obra, pois há o Seu Hermes, vizinho do garotinho, que devolvia as bolas quando caíam em seu quintal, superando os altos muros que faziam a separação das propriedades, até o dia em que morreu e não devolveu mais. O encontro com a morte alterou a perspectiva inocente que tinha sobre a vida, transformando-o através do temor: o fim da presença física. A morte exigiu que o protagonista reinterpretasse o mundo perante a fatalidade. De modo curioso, o nome do vizinho coincide com o “deus grego da

interpretação” (Hermes) que, ao morrer, concede um acontecimento nunca visto pela criança, com efeito posterior em sua leitura de mundo, conforme o narrador afirma no seguinte trecho:

Nós ficamos ali, de olho num extremo e outro do muro, à espera da bola, imaginando em que ponto ela cairia. Mas o tempo foi passando, a sombra da jabuticabeira crescendo do outro lado, e eu e meu irmão nos olhamos fundo, fundo, em silêncio. Como no replay de um lance, lembrei daquelas palavras da minha mãe, que um dia ainda iríamos ler as pessoas. Apesar de imóveis ali, havia poucos minutos, eu sabia, e ele também, que Seu Hermes nunca mais poderia nos devolver a bola. (CARRASCOZA, 2014, p. 14).

Aos sete, transformado internamente, recebe um telefonema da esposa de seu tio Zezo, alegando que precisaria de ajuda com o marido. De imediato vão de carro em direção a casa de seu tio, na cidade em que cresceu com o seu irmão, onde era o seu lar.

Pensou que seria um retorno ao mundo já conhecido e, consequentemente, a si mesmo, porém, ao chegar em seu destino, percebeu que tudo havia mudado: o bar do ponto tornou-se uma sorveteria, a escola se tornou um prédio residencial e Urso (seu primeiro treinador de salto em altura) havia se aposentado e estava na terceira idade. Isso tudo foi ilustrado na seguinte cena:

A cidade que lá estava era a mesma, mas a outra, a sua, a cidade que se enraizara nele, essa se apagava aos seus olhos, como um glaucoma. (CARRASCOZA, 2014, p. 75).

Aos quarenta, na casa que seu irmão herdara do pai, os personagens conversam na varanda enquanto seu filho assiste televisão. Depois de um tempo, observou o filho atraído e curioso por uma mangueira velha e, inevitavelmente, recordou de seu tempo vivido naquele exato local com a mangueira capenga. Sentiu que os “saberes que passam de pai para filho, que ali, entre aquelas folhas, acumulavam-se, ocultas sob a casca do silêncio, muitas histórias”.

O livro encanta pela alta densidade filosófica que o compõe: acompanhar a trajetória de uma vida em diferentes estágios poderia ser suficiente para afirmar sua importância. O livro encanta pelo não-dito, pelos acontecimentos que não são possíveis nomear e que, no entanto, precisam ser sentidos. É existencial de maneira sutil. As duas temporalidades somadas aos acontecimentos reforçam a valorização das pequenas coisas, o acontecer único, novamente sem nomeação, só o sentir, tal qual o nosso protagonista. A escrita de Carrascoza proporciona essa sensação, é um convite a sentir, é ler não apenas com os olhos, mas com o corpo.

Um conceito aplicável à obra de Carrascoza é a *metodologia* exercida por Lélia Gonzalez em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), ao utilizar conceitos da psicologia de Freud e Lacan para identificar as ações discursivas que selecionamos ou reprimimos através dos conceitos de *consciência* e *memória*. Segundo a autora:

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi inscrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. (GONZALEZ, 1984, p. 226).

Dito isto, a narrativa de Carrascoza, *Aos 7 e aos 40*, permite uma análise baseada em consciência e memória em sua articulação. Antes, é basilar a compreensão sobre os dois tipos de narradores integrantes da obra: o do passado, em primeira pessoa, e o do presente, em terceira pessoa. Detenho-me ao passado, por possuir como ponto de vista o recorte da infância. Percebe-se, na leitura, que o bloco textual age como um organizador de pensamento. Na organização encontramos a *seleção* dos momentos pautados em consciência, referente ao lado bom de ser criança.

O texto possui “cisões” narrativas, em momentos da história quando há situações em que a alegria contínua é desestabilizada, a exemplo do momento em que o narrador-personagem e seu amigo Bolão capturam um pássaro que não canta e se frustram com a situação. A solução é substituir por um idêntico ao de Seu Hermes, este, cantor “à beça”, como na passagem abaixo:

Mas não, o Bolão driblou meu pensamento. Saltou o muro, caiu sobre um vaso de samambaia da Dona Elza e, num segundo, voltou com uma gaiola do Seu Hermes, um pássaro-preto lá dentro, cantor dos melhores. Daí ele fez a troca. Eu assisti. E entendi. Eu me vi contente, sem culpas. (CARRASCOZA, 2014, p. 52).

A cisão é encontrada no último parágrafo, em que há a finalização do capítulo:

[...] Ficamos um tempo nessa perfeição. Até que Seu Hermes surgiu, de repente, junto com meu pai, carregando na gaiola o nosso pássaro preto. Aí, aí foi aquele silêncio... (CARRASCOZA, 2014, p. 53).

Essa incessante interrupção é característica do livro e ajuda a mascarar os momentos deprimentes que o seu “eu” em seu estágio de vida mais proveitoso. A seleção discursiva, portanto, evidencia principalmente tudo aquilo que não é dito. Na cena citada acima, vemos que o narrador em primeira pessoa tenta encobrir, alienar e “esquecer” as consequências de suas atitudes através da cisão enunciativa e

consciente sobre os bons momentos. Entretanto, o inconsciente se sobressai ao se manifestar no ato da narração por tudo aquilo que não é dito: as fugas da consequência, da limitação da verdade reprimida, apenas ao encerrar o capítulo, pois não é necessário explicitar aquilo que a memória *restitui*, ou seja, “uma história que não foi inscrita”, ou melhor: escrita.

Referências bibliográficas:

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40.** E-book. Editora Alfaguara, 2014.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, 1984. p. 223-244.